

# Eleições holandesas: novo giro à direita

Tal como anunciado, as eleições de 15 de Março nos Países Baixos sancionaram um giro à direita, embora de uma forma ligeiramente diferente da prevista. O receio de que o partido de extrema-direita PVV (Partij voor de Vrijheid, Partido para a Liberdade) de Geert Wilders se tornasse o partido mais votado não foi verificado. Wilders ganhou mais cinco lugares, passando de 15 para 20 num parlamento de 150 lugares. O VVD (Volkspartij voor Vrijheid en Democratie, Partido Popular para a Liberdade e a Democracia), de direita, do primeiro-ministro cessante Mark Rutte perdeu oito lugares, mas com 33 lugares continua a ser o partido mais votado.

A mudança mais notável foi a implosão do PvdA (Partij van de Arbeid, Partido del Trabajo) de 38 para 9 lugares. Esta perda é maior do que o esperado; o partido ultrapassou o seu próprio recorde de 2002 e sofreu o maior golpe eleitoral da história política holandesa. Claro que era previsível que o PvdA iria perder muito apoio eleitoral. Nas eleições de 2012, o partido virou-se para a esquerda para evitar o desafio da esquerda do SP (Socialistische Partij, Partido Socialista), mas depois optou por formar um governo de coalizão com o VVD, aplicando por quatro anos uma política de direita. Eram favas contadas que o PvdA ia ser punido por isso e certamente não é de lamentar.

Mais preocupante é o fato de que o resto da esquerda não se beneficiou da implosão da PvdA. Muitos antigos eleitores do PvdA optaram por partidos de direita ou abstiveram-se. A direita como um todo ganhou novos lugares.

Para muitos progressistas, a notícia do aumento do GL (GroenLinks, Green Left) de 4 para 14 lugares é um raio de esperança. As pesquisas mostram que um quarto dos eleitores

decepcionados do PvdA votaram desta vez a favor da GL. Este partido realizou uma campanha que não só foi atraente por seu estilo (despreocupado e otimista), mas também levantou questões políticas como mudança climática, antirracismo e, em geral, a rejeição do nacionalismo que passou a dominar a política holandesa.

A GL foi criada na década de 90 na sequência da fusão de vários partidos de esquerda, incluindo o Partido Comunista. Em seguida, mudou-se para o centro político e, no novo século, adotou uma autodenominada linha "liberal progressista". Em 2012, a GL apoiou uma coalizão de direita, permitindo-lhe implementar medidas de austeridade e reformas neoliberais, como o aumento da idade de aposentadoria e o envio da polícia holandesa para o Afeganistão. Esta orientação recebeu um castigo bem merecido nas eleições seguintes, nas quais o partido perdeu muito apoio, e desde então recuperou um perfil de esquerda. No entanto, durante a campanha eleitoral, não disse claramente adeus à sua orientação anterior e o seu líder Jesse Klaver atacou a partir de posições de direita pessoas como Yanis Varoufakis e Jeremy Corbyn. Nem excluiu a possibilidade de uma coligação com a direita.

É decepcionante que o SP tenha perdido um assento, caindo de 15 para 14. Esta foi a terceira eleição consecutiva em que o SP perdeu votos nas eleições nacionais. Desta vez, a perda foi especialmente grave porque o PvdA, que durante anos foi o principal rival do SP, perdeu dezenas de lugares. Durante mais de uma década e meia, a estratégia do SP teve como objetivo atrair a base do PvdA, mas esta estratégia fracassou nas últimas eleições. Politicamente, considera-se que o GL se situa entre o PvdA e o SP. Conseguiu atrair muitos eleitores decepcionados do PvdA com uma campanha ligeiramente inclinada para a esquerda, pelo que a tese de que o SP está simplesmente demasiado à esquerda para estes eleitores não é muito convincente. A verdade é que GL os atraiu com questões que o SP deixa de lado.

## **Novos partidos, novas questões**

Uma dessas questões é o racismo. Verdade ou não, GL tem a imagem de ser o partido do anti-racismo e não há dúvida de que isso explica em parte o seu apelo, não só para decepcionar os eleitores do PvdA, mas também para muitos jovens que votaram neles. A campanha do SP tentou fazer dos cuidados de saúde, que durante anos tem sido um dos lados fortes do partido, uma questão central das eleições, mas falhou e foi incapaz de crescer. O SP não só pôs de lado o anti-racismo, como também algumas personalidades partidárias expressaram sentimentos anti-imigração. Um deputado do SP declarou que o partido é a favor de “nossos trabalhadores primeiro”, e declarações como esta custaram os votos do partido.

Outra questão é a ecologia. Um partido de esquerda que também cresceu nestas eleições é o PvdD (Partij voor de Dieren, Partido para os Animais). Fundado em 2002, começou como um partido monotemático que se opunha à crueldade contra os animais e ao tratamento dos animais na agroindústria. Com o tempo, tornou-se um partido ambientalista. Aumentou de 2 para 5 lugares, sendo mais um exemplo de um partido com um perfil idealista, e acima de tudo ecológico, que atrai novos eleitores. Um flanco enfraquecido deste partido é que, fora do parlamento, dificilmente existe e desempenha um papel muito limitado nos movimentos (ambientais). Além disso, embora seja considerado mais radical que a GL, o PvdDD não vincula suas demandas ecológicas com as lutas sociais nem com a contestação ao capital.

Estas eleições contaram igualmente com a participação de um número invulgarmente elevado de novos partidos. Um deles é o Artikel 1, com o nome do primeiro artigo da Constituição neerlandesa, que diz que todos devem ser tratados de forma igual. Anti-racismo, feminismo e oposição à discriminação contra as pessoas LGBTIQ são os temas centrais deste partido. O Artikel 1 também é notável pelo papel proeminente desempenhado pelas pessoas de cor e pelas mulheres. A sua

chefe de lista e porta-voz, Sylvana Simmons, é uma mulher negra de nacionalidade surinamesa e holandesa conhecida pelo seu ativismo antirracista.

No entanto, este partido foi fundado imediatamente antes das eleições e não ganhou nenhum assento. Este resultado é decepcionante para muitas pessoas que vêem a necessidade de uma posição de princípio antirracista, mas não inesperada. Considerando que ele teve pouco tempo para se preparar, os 0,3% dos votos que obteve parecem indicar que há potencial de crescimento no futuro.

Outro novo partido é o Denk (que em holandês significa “pensar”). Este partido foi fundado por dois antigos deputados do PvdA de origem turca e já conquistou três lugares. Denk combina um programa socio-econômico de centro-esquerda com a oposição à islamofobia. Simmons esteve durante algum tempo integrado na Denk, mas foi dito que no partido não havia espaço suficiente para o feminismo e a defesa das pessoas LGBTIQ. Nos Países Baixos, este partido é frequentemente acusado de ser um fantoche do Presidente turco Erdogan e de ser brando com o fundamentalismo islâmico. É evidente que muitas destas acusações são motivadas pelo racismo e pela islamofobia, embora seja verdade que o partido fala evasivamente sobre questões como o crescente autoritarismo na Turquia e o genocídio armênio. Nestas eleições, Denk atraiu particularmente os eleitores de ascendência turca que anteriormente apoiavam o PvdA.

### **Crescimento da direita**

Outro vencedor claro das eleições é um partido chamado D66, que cresceu de 12 para 19 assentos. Às vezes, acontece de ser um partido “progressista”, mas é um forte defensor da política econômica neoliberal. No entanto, combina-o com o feminismo liberal e a retórica anti-racista. Tal como a GL, a D66 atraiu muitos eleitores que pensam que pode opor-se à extrema-direita.

A extrema-direita não teve os bons resultados esperados, mas ainda assim progrediu. O PVV aumentou seu número de assentos em um terço, tirando votos do centro-direita VVD, mas também do PvdA. O resultado das eleições foi uma decepção para Wilders, em comparação com as expectativas exageradas criadas pelas sondagens, embora seja demasiado cedo para concluir que a ascensão da extrema-direita atingiu um limite máximo. Além disso, um outro partido de extrema-direita, o Forum voor Democratie (Fórum para a Democracia), entrou no Parlamento com dois lugares. O líder deste partido, Thierry Baudet, cultivava uma imagem de um intelectual respeitável. Ele representa uma corrente machista e racista que é pelo menos tão à direita quanto Wilders.

Não só o bloco de extrema-direita do Parlamento cresceu. Mas também dois dos partidos tradicionais de centro-direita, o VVD e o CDA (Christen-Democratisch Appèl), basearam as respectivas campanhas no nacionalismo, na islamofobia e nos sentimentos anti-imigrantes. Esta é uma dinâmica que pode ser facilmente ignorada se olharmos apenas para o número de assentos ou para a composição da coligação governamental. O PVV de Wilders foi para o CDA e o VVD o critério de suas próprias posições, e ambos tentaram atrair os eleitores do PVV, apresentando-se como a versão “respeitável” do programa anti-imigração e islamofóbico. Sem fazer parte do governo, o PVV é um dos partidos mais influentes do país. O conflito diplomático com a Turquia, provocado pelo primeiro-ministro do VVD, Mark Rutte, foi uma tentativa bem sucedida de atrair potenciais eleitores de extrema-direita ao apresentar-se como um forte líder ocidental que enfrenta um país muçulmano.

### **Um centro reorganizado**

Durante décadas, o centro político na Holanda foi baseado em três grandes partidos: o PvdA, o CDA e o VVD. Um dos pilares tradicionais deste centro desmoronou-se, e o CDA e o VVD não são tão grandes como as partes do sistema costumavam ser. Nos últimos 15 anos, o centro político tem sido pressionado pela

esquerda pelo SP e pela direita pelo PVV e seus antecessores. No sistema político do país (representação proporcional a nível nacional), são necessárias coligações para formar governo. No entanto, o declínio relativo do apoio às partes centrais e o aparecimento de novas partes desestabilizam o sistema. O gabinete de saída foi o primeiro desde a virada do século a ser mantido durante toda a legislatura.

O resultado das eleições mostra que o centro político do país está se reorganizando. Os partidos de centro-direita, CDA e VVD, reinventaram-se incorporando elementos da extrema direita.

Formar uma nova coalizão neste cenário fragmentado não vai ser uma tarefa fácil, pois pelo menos quatro partidos são necessários para que a coalizão tenha uma maioria. Seja qual for a sua composição exacta, o novo governo holandês será de direita. Dará mais poder ao grande capital e a desigualdade social e a precariedade aumentarão. Isto será combinado com políticas anti-refugiados e anti-imigrantes e com a manutenção do clima político islamóforo e nacionalista prevalecente. Isto implica, entre outras coisas, discriminação no mercado de trabalho, violência policial contra pessoas de cor e outras formas de exclusão social das minorias. A direita e a extrema direita continuarão a se beneficiar desta dinâmica.

Apesar dos progressos realizados por alguns deles, nenhum dos partidos de esquerda tem uma resposta suficiente a esta situação. O SP pensa que pode ignorar o racismo ou mesmo ser tentado por ele. A GL não renunciou de forma convincente ao seu liberalismo económico tradicional. Faltam-lhe também raízes sociais e ligações com o sindicalismo, que o SP tem.

À luz do declínio da esquerda parlamentar, as lutas sociais assumem uma importância ainda maior. Há um potencial real neste sentido, como foi visto nos últimos meses com mobilizações em torno das mudanças climáticas, do racismo e da TTIP. A Marcha das Mulheres de 11 de Março em Amesterdã foi

uma das manifestações mais maciças dos últimos anos, com mais de 15.000 participantes. Junto com a construção desses movimentos, a esquerda holandesa precisa de um processo de debate coletivo e de esclarecimento político.

Original: [ESSF](#)